cepção. Saúda-se, por isso, vivamente um estudo como o presente, que certamente marcará uma nova etapa na história do pecado original e passará a ser uma referência bibliográfica obrigatória.

JORGE COUTINHO

VERGOTE, Antoine, **Humanité de l'homme, divinité de Dieu**, coll. «Théologies», Les Éditions du Cerf, www.editionsducerf.fr, Paris, 2006, 342 p., 235 x 145, ISBN 10 : 2-204-08294-5, ISBN 13 : 978-2-204-08294-5 ; ISSN 0761-4330.

Este mais recente livro do conhecido teólogo belga, e investigador do fenómeno religioso Antoine Vergote, é um livro-síntese de todo o percurso do seu autor. Mais do que muitos outros dos seus escritos, este é claramente elaborado a partir da perspectiva de um teólogo cristão, que reflecte, de forma científica e existencialmente madura, sobre a sua fé. Por isso, pode ser considerado uma introdução ao cristianismo, segundo a perspectiva de Vergote.

O que se nota logo na primeira parte. De facto, o livro abre com uma antropologia. Mas não é propriamente uma antropologia estritamente transcendental – como no caso, por exemplo, do Curso Fundamental da Fé, de Rahner – senão uma antropologia fenomenológica. E, entre as opções fenomenológicas, a fenomenologia da religião ocupa um lugar de destaque; o mesmo se diga da abordagem da dimensão psíquica do ser humano. A dimensão simbólica do humano, assumida nas dimensões do desejo e do rito, é aí assumida como chave hermenêutica de uma antropologia que permite compreender o contributo da fé cristã para o sentido do ser humano. Os cinco primeiros capítulos da obra são dedicados a estes novos *praeambula fidei* ou mesmo a esta nova modalidade de *praeparatio evangelica*.

A segunda parte da obra é estruturalmente histórico-salvífica. É uma espécie de fenomenologia da tradição judaico-cristã, assumindo-se a fé cristã claramente como realização, plenificação e, por isso, superação, de todas as preparações anteriores. Tal como noutros estudos seus, o ponto de partida dessa fenomenologia específica é o monoteísmo bíblico, analisado no seu processo de formação e na sua novidade em relação a todas as práticas religiosas anteriores. Um segundo capítulo elabora uma Cristologia narrativa sintética e um terceiro capítulo uma Pneumatologia, cruzada estreitamente com uma Eclesiologia breve. De todo este percurso, resultam conclusões para a identidade da fé cristã, que são abordadas no último capítulo e num epílogo. Um anexo apresenta uma espécie de consequência antropológica da fé cristã (relacionada com a noção de liberdade e de pessoa), o que permite religar todo o estudo com o seu início, numa antropologia agora «convertida», por isso nova.

Tal como outras grandes obras-síntese e maturidade reflexiva, esta merece uma leitura calma e atenta, com grande enriquecimento para o leitor. Apesar de abordar assuntos de sempre, aborda-os segundo o modo peculiar a que Antoine Vergote nos habituou.

JOÃO DUQUE

LUBAC, Cardinal Henri de, **La foi chrétienne. Essai sur la structure du symbole des apôtres**, t. V des Œuvres complètes, Présentation par Peter BEXELL, Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2008, 620 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-08560-1.

Do plano de publicação das obras completas de Henri de Lubac em 50 volumes, empresa levada a cabo pelas edições du Cerf,

surge agora mais um volume, que inclui sobretudo a obra *La foi chrétienne*, editada pela primeira vez em 1969 e logo reeditada em 1970. A versão aqui apresentada é a versão aumentada desta segunda edição. Para além deste texto, são apresentados mais oito pequenos textos, significativos na preparação da obra ou na sua continuidade.

Mas a mais-valia desta edição, em relação à de 1970, é a apresentação, a cargo do teólogo sueco especialista em de Lubac, Peter Bexell. Trata-se de uma apresentação que revela grande conhecimento da obra do teólogo jesuíta francês e que consegue situar de modo excelente o texto agora republicado. Com a sua leitura, compreendemos melhor a envergadura deste – e mesmo de outros – escrito de Henri de Lubac, seja no contexto do debate teológico de meados do séc. XX, seja mesmo no contexto da sua releitura actual (por exemplo, por parte da denominada «Radical Ortodoxy»). Além do mais e não em último lugar, sendo Bexell um teólogo luterano, o seu texto revela a pertinência ecuménica da teologia do jesuíta, assim como o caminho que o debate entre a teologia católica e as teologias protestantes vai percorrendo, caminho esse que vai relativizando controvérsias antigas.

Tal como o subtítulo indica, de Lubac pretende, neste livro, abordar a estrutura do símbolo dos apóstolos. Parece tratar-se, à partida, de um livro de introdução ao conteúdo da fé cristã. Mas, se é certo que o teólogo nunca separa conteúdo de forma, não é menos certo que se trata de um escrito de Teologia Fundamental, isto é, de uma reflexão sobre a própria estrutura formal da fé cristã, seja enquanto acto de fé, seja enquanto mediação eclesial do conteúdo, seja ainda enquanto seu «objecto» último, ou seja, Deus. Por isso, estamos perante uma teologia da fé, em claro debate com uma concepção demasiado doutrinal ou intelectualista da mesma. O texto é, por isso, exemplo brilhante da transformação sofrida pela teologia da fé, na primeira metade do séc. XX, em aproximação a uma visão mais personalista – por sinal, mais tradicional, porque mais escriturística e mais patrística. Ao mesmo tempo, este escrito revela o equilíbrio do famoso teólogo da «Nouvelle Théologie», cuja acentuação da dimensão pessoal e existencial da fé, nunca descura a sua dimensão «objectiva», relativa a conteúdos dogmáticos e à sua articulação eclesial.

Ao longo da imensa riqueza destas páginas, o leitor pode admirar a admirável cultura histórica do seu autor. Todos os assuntos, mesmo que desenvolvidos com intenção apologética, são minuciosamente documentados pelo recurso a uma vastidão imensa de textos, sobretudo patrísticos e medievais.

O livro principal começa com um capítulo sobre a história do credo, seguido de um sobre a sua estrutura trinitária e um outro sobre a Trindade económica, o que já deixa ver a tendência da teologia de Lubac, essencialmente orientada para a história da salvação.

Mas é sobretudo no quarto capítulo, intitulado «Fé, crença e religião», que as suas teses surgem de modo inequívoco: por um lado, na acentuação da diferença entre crença natural e fé sobrenatural (no credo apenas referida a Deus: Pai, Filho e Espírito), mas ao mesmo tempo, na clara percepção da continuidade entre uma e outra, o que conduz à valorização da experiência religiosa e mesmo de toda a antropologia, o que faz do teólogo simultaneamente um humanista.

Os dois capítulos seguintes são o desenvolvimento de uma Eclesiologia fundamental, com base na relação entre fé e Igreja: A Igreja como crente e o lugar do crente no interior da Igreja. Dos capí-

tulos seguintes, sobressai o capítulo sobre o «impulso da fé», na linha do desejo agostiniano, que define a fé plena como aquela que nos orienta para a plenitude em Deus; e o capítulo sobre a profissão de fé, como elemento básico do acto de fé, que é sempre mais do que uma afirmação doutrinal.

As traduções do latim, apresentadas no final, assim como os índices remissivos, ajudam o leitor actual a manusear este clássico da literatura teológica do séc. XX. Só podemos saudar mais este contributo das Ed. du Cerf e do grupo que trabalha na edição destas obras completas.

João Duque

Aranda, Antonio (Ed.), **Identidad cristiana. Coloquios universitarios**, Serie Sociología, EUNSA, Pamplona, 2007, 452 p., 210 x 145, ISBN 978-84-313-2499-5.

Este volume colige as comunicações levadas por uma série de especialistas às quatro sessões de Colóquios universitários, promovidos pela Universidade de Navarra em Setembro e Dezembro de 2006. Na intenção dos promotores estava debater a questão da identidade cristã, tendo particularmente em conta o pluralismo cultural e social do mundo nosso contemporâneo. Supõe-se que a verdadeira vivência cristã marca tanto as pessoas como as instituições com traços próprios.

Os Colóquios contaram com a participação de numerosos professores universitários, de diversas proveniências e de diferentes áreas do saber, em diálogo interdisciplinar. Como explica o editor, dos seus contributos para a identificação do tecido do cristianismo podem ressaltar evidências de carácter ético e princípios indiscutíveis da vida social que são parte da lei natural mas que, em muitos ambientes, parecem ter-se obscurecido.

Uma longa Introdução, da autoria de A. Aranda e A. Llano, oferece «reflexões preliminares» sobre a identidade cristã. Seguem-se as comunicações, distribuídas por uma série de áreas, que constituem outros tantos pontos de vista sobre um mesmo problema: o da filosofia, o da teologia, o do direito, o da comunicação, o da medicina e da ciência, e, finalmente, os da história, da economia e da ética.

Em termos resumidos, aí são versados (a maior parte em castelhano; alguns, em inglês), entre outros, temas como: fé e civilização (Rafael Alvira), identidade cristã e humanismo da liberdade (A Llano), identidade cristã e «laïcité» francesa (Cyrille Michon), os valores e a sua transmissão (Sérgio Sánchez-Migallón), missão do professor católico na universidade de hoje (Agustín del Agua), valores cristãos e sociedade civil (Rino Fisichella), identidade cristã, laicidade e lei natural (Paul O'Callaghan), direito e razão (Rafael Domingo), religião e Estado no modelo de politica ocidental contemporânea (Caridad Velarde), identidade cristã e cultura popular (Ángel Arrese), dar razão da fé (vários), recuperar o sentido e a beleza da criação (Ana M. Barber), pontos de confluência entre a fé e o pensamento científico (Natália López Mortalla), função mediadora do intelectual cristão (Jaume Aurell), o discurso de Bento XVI em Ratisbona e as suas lições (vários).

Como se vê, está-se perante um acervo de contributos que muito podem ajudar quantos têm responsabilidade ou simples interesse em se situarem como cristãos na Babel cultural deste tempo e, do mesmo modo, em ajudarem outros a terem essa mesma postura.

Jorge Coutinho